

Ozarfaxinars

 e- revista ISSN 1645-9180Nº 9 **Escola para todos - uma utopia tangível?**

1

Para começar Crianças Diferentes, ensino igual?

Isabel Lucas

É difícil para qualquer mãe ter um filho diferente.

Eu tenho um filho diferente. É uma criança com trissomia 21.

Desde que nasceu que o tratei sempre como uma mãe trata o filho que ama: com cuidados, mimos e amor. Foi logo a partir do seu primeiro dia de vida que tornei permanente o objectivo que ele crescesse como cresce uma criança dita normal, principalmente como cresce uma criança feliz. Desejo para ele o que qualquer mãe deseja: que usufrua de uma vida plena.

No seio familiar e no círculo de amigos tornamo-nos únicos e o meu filho também é único na nossa família. Todos o acarinham e o apoiam no seu desenvolvimento, em especial o irmão que sempre o acompanhou e sempre o tratou de forma igual e por ele é visto como fonte inesgotável de amparo e carinho.

A família é muito importante, contudo a vida exige que pertençamos a um grupo mais alargado e que sejamos um entre muitos e partilhemos ambientes, lugares, actividades, ... A escola é o local onde aprendemos essa socialização.

Aos três anos de idade foi para o infantário. Ficou integrado numa sala regular com apoio de educação especial. Todas as crianças o adoravam. Viam-no como um igual. Estava preparado para a etapa seguinte: o primeiro ciclo.

Nova integração escolar e nem tudo correu da melhor forma possível: o meu filho foi colocado no fundo da sala, numa mesa junto à porta, completamente sozinho à mercê das suas limitações. Era mais o tempo que passava fora da sala de aula do que dentro dela. Nesses momentos andava

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 9 Escola para todos - uma utopia tangível?

2

sempre acompanhado por uma auxiliar da acção educativa, a varrer ou com um pauzinho a mexer na terra do chão.

De lado ficava tudo o que realmente deveria fazer, ou seja, estar na sala de aula, integrado com as outras crianças e aprender.

Como queria o melhor para o meu filho, mudei-o de escola e os cinco anos seguintes foram fulcrais para o seu desenvolvimento. Foi integrado numa escola próxima da nossa área de residência e recebeu sempre o apoio de professoras de educação especial.

A este nível, teve uma excelente professora que, mais do que boa profissional, foi amiga e companheira de brincadeiras, mas também soube ser muito exigente, tanto quanto ele precisava. Paralelamente, um óptimo grupo de professores do ensino regular e excelentes amigos contribuíram para um bom desenvolvimento e surpreendentes aprendizagens. São alguns desses amigos que ainda hoje o acompanham no terceiro ciclo e são óptimas as relações com os pais destes.

Esta foi uma fase muito importante para o meu filho ao nível da aprendizagem e da integração com outras crianças. Tornou-se, aos poucos, uma criança mais autónoma e acima de tudo uma criança muito feliz. Conseguiu adquirir competências ao nível da leitura, escrita, cálculo e entender o mundo que o rodeia.

Uma nova etapa surgiu: a integração no segundo ciclo e a adaptação a uma escola maior. Para mim, foi um pavor. O deixar o meu filho “solto” num ambiente tão grande e tão diversificado, à mercê de todos os desafios e obstáculos próprios de uma escola tão grande, deixavam-me diariamente muito apreensiva. No entanto, a adaptação à realidade nua e crua do mundo escolar mais lato era algo que eu tinha de deixar acontecer normalmente.

Sempre com o apoio fundamental das professoras de educação especial e de todos os professores do Conselho de Turma, a integração foi-se fazendo inclusivamente com o apoio ao nível de integração em sala regular. Sei que de início o medo e a insegurança se apoderaram de alguns, mas mesmo assim aceitaram o desafio e desse modo ajudaram o meu filho a tornar-se no que ele é hoje: um menino simpático, muito meigo e doce, popular até.

O 5º ano apesar de todas as alterações em relação ao 1º ciclo (horários, espaço físico, aumento do número de professores, novos colegas...) correu muito melhor diante dos meus receios.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 9 Escola para todos - uma utopia tangível?

3

Procurei sempre aconselhar os professores a nunca deixarem protelar uma situação que poderia ser resolvida na hora. Pedia que me mantivessem sempre informada e fui sempre assídua às chamadas à escola.

A articulação entre a escola e a família, nestes casos, é ainda mais importante.

Sei que não é fácil por vezes conseguirmos manter a nossa posição, pois ele testa-nos até ao seu e nosso limite, mas se lhe soubermos dar a volta, quem leva a melhor somos nós.

Durante esse ano, existiu uma situação de “mau comportamento” que não me foi comunicada de imediato, mas apenas quando a professora achou que já não aguentava mais. Todos sabemos como é importante que o castigo seja dado imediatamente a seguir ao erro e não quando já não nos lembramos porque razão estamos a ser punidos. Mesmo assim, logo que tomei conhecimento, expliquei-lhe porque estava triste e dei-lhe o pior castigo que ele pode ter: não jogar Playstation. O seu comportamento mudou de imediato, mas, lamentavelmente para a escola, mais precisamente para a disciplina em causa, já não foi suficiente, pois a professora deu-lhe negativa no final do período. Ele nunca foi mal-educado, mas a teimosia é uma característica muito forte nestas crianças e se não soubermos lidar com ela, quem ganha (neste caso, perde) são as próprias crianças e, no caso o penalizado foi o meu filho.

A educação especial é muito importante, aliás é o trabalho mais custoso e mais gratificante que os professores podem dar e ao mesmo tempo receber para e destas crianças.

Num outro momento, tivemos de ultrapassar nova situação difícil. Em determinada disciplina, o meu filho ficou colocado numa secretária sozinho virado para a janela, passando dois longos períodos escolares a limar um pedaço de madeira. No final do ano, não me foi apresentado nenhum trabalho nesse material, nem em qualquer outro. A tristeza era grande pois no ano anterior, com o mesmo grupo de colegas, mas com outros docentes, o trabalho tinha sido excelente. Era uma das disciplinas em que ele se sentia mais acarinhado e mostrou trabalho realizado.

São situações que não deveriam acontecer, mas sei que a vida não é fácil e que a cada dia que passa novos problemas surgirão. No entanto, estarei sempre atenta para dentro das minhas possibilidades o ajudar a ultrapassar as barreiras que se lhe deparem.

Confesso que por vezes tenho receio de me pronunciar sobre algumas situações que aconteceram com ele, mas é levantando os problemas que poderemos em conjunto encontrar estratégias para os solucionarmos. Não é fácil para mim, relatar algumas das situações graves. Será a insegurança

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 9 Escola para todos - uma utopia tangível?

4

face ao desconhecido? Será a necessidade de ter de mudar o que leva alguns professores a descuidarem estes jovens? Considero que a possibilidade de abordar estas questões, preocupações, pode ajudar na busca de uma solução mais humana na resposta às questões do relacionamento com estes jovens.

Neste momento, estou muito contente com a integração do meu filho.

Tem um óptimo apoio de toda a comunidade educativa: professores, alunos, auxiliares de acção educativa que têm tido um papel fundamental na sua integração e no seu desenvolvimento. Todos o adoram, mas também é muito fácil gostarem dele.

Sei que o seu trajecto educativo não vai ser fácil, mas todos estamos a educá-lo para que dia a dia “cresça” com a ajuda de todos.

A cereja em cima do bolo, seria se, nas aulas em que está com o grupo turma, pudesse ter um professor da respectiva disciplina que o acompanhasse *in loco*. Acredito que para os professores com uma turma de 19 a vinte e poucos alunos, terem um rapazinho, neste caso com trissomia 21, a exigir-lhes tempo e acompanhamento, não deve ser fácil e que lhes será difícil poder ajudá-lo da forma que mais gostariam.

Apesar de tudo, sei que o vêem como seu aluno e por isso trabalham com ele e exigem-lhe resultados positivos. Exigência essa que eu agradeço do fundo do coração. Agradeço a todos os que com ele trabalham diariamente.

Agradeço também a todos os que até hoje o ajudaram no seu desenvolvimento e peço, por favor, que nunca baixem os braços. Abram-nos com sabedoria, carinho, muita paciência e muita alegria para todas as crianças que são diferentes.

Eu costumo dizer: “O meu filho gosta de abraçar o mundo”. Gostaria que entendessem que para estas crianças é importante que nós abracemos o seu mundo e as suas causas pois todas estas crianças e jovens precisam de todos nós.

O meu grande bem-haja a todos.